



***L'AFFAIRE DES QUATORZE: REDES DE
COMUNICAÇÃO MUITO ANTES DA ERA DA INTERNET***

***L'AFFAIRE DES QUATORZE: COMMUNICATION
NETWORKS LONG BEFORE DIGITAL AGES***

Iza Debohra Godoi Sepúlveda*
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT
izagodoi@hotmail.com.br

Robert Darnton é um pesquisador que se debruça sobre a história dos livros e sobre a literatura do século XVIII na França. Atualmente é diretor da biblioteca da Universidade de Harvard e lidera um projeto de digitalização dos mais de 17 milhões de livros, documentos, manuscritos e registros da mesma biblioteca. Seu trabalho se entrelaça com seu projeto de digitalização, na medida em que a sociedade da comunicação não se reporta apenas aos tempos mais atuais.

Como redes de comunicação popular podem tumultuar em pleno século XVIII? Nos dias atuais, isso é facilmente compreensível se considerarmos o complexo sistema midiático do qual fazem parte a internet e televisão, mas em 1745 também existiam redes de comunicação que foram capazes de mobilizar o rei Luís XV e todo seu aparato policial para que se descobrisse a origem de poemas e canções populares que atacavam o monarca.

Essas canções traziam ofensas ao rei, à sua amante Madame Pompadour, aos ministros e até mesmo à corte de Versalhes. Os poemas, várias vezes, viravam canções ritmadas que se remetiam às canções populares e folclóricas. Dessa forma era mais fácil a memorização e também a associação com outras versões da música, a fim de que o processo mnêmico fosse favorecido. Essas canções e poemas eram cantados e

* Mestranda em História pela Universidade Federal de Mato Grosso. Bolsista CAPES.

declamados por toda Paris e possibilitavam uma dinâmica de circulação das informações, tendo em vista a sociedade semianalfabeta do século XVIII.

Robert Darnton, longe de tratar esse acontecimento como um indício do descontentamento com a monarquia que previa a revolução de 1789, ou qualquer outro tipo de hipótese conspiratória, propõe-se a estudar, a partir do curso desses poemas, como a circulação de informações se dava na Paris de 1745. Numa sociedade semialfabetizada, tais redes de comunicação se configuram como problema de pesquisa intrigante e de intenso diálogo com problemas do presente.

Em contraponto a um presentismo, Darnton torna relevante o traço de oralidade no processo constitutivo do *ser* humano. A intenção é clara: preencher lacunas acerca da história da comunicação no que se refere à sua matéria-prima: a oralidade.

Darnton, a partir de uma vasta documentação de dossiês policiais, inquéritos e relatos acerca do *L'affaire des quatorze* (Caso dos catorze), analisa poemas que insultavam o rei Luís XV e sua amante Madame Pompadour e como eles ganharam uma repercussão na corte.



Ao acompanhar o curso dos poemas e ao seguir as pistas que a polícia levantava à medida que ia prendendo um homem depois outro, podemos descobrir uma complexa rede de comunicação e estudar a maneira como a informação circulava numa sociedade semi-alfabetizada.¹

A proposta de Darnton está ligada à forma como a opinião pública se configurava na Paris de meados do século XVIII. A partir de duas perspectivas teóricas, grosso modo, a de Michel Foucault, que se baseia na construção discursiva do objeto, e a de Habermas, que concebe a opinião pública como um fenômeno sociológico que se encontra entre o mundo privado e a oficialidade do mundo do Estado “na esfera pública”.

Para Darnton, essas redes de comunicação não apenas indicam que a circulação das informações e das opiniões públicas ocorria, mas também permitem identificar um emaranhado de depoimentos e informações ocultas que possibilitava a manutenção das redes de comunicação, ainda que alguns de seus agentes fossem presos. O que se revela é uma rede de resistência.

¹ DARNTON, Robert. **Poesia e polícia**: redes de comunicação na Paris do século XVIII. São Paulo: Cia das Letras, 2014.

Apesar das inúmeras pessoas presas durante esse período, os poemas continuavam circulando e, segundo depoimentos registrados pela polícia, a resistência se fortalecia na mesma medida em que a investigação se aprofundava. A maneira como os poemas circulavam não permitia que todos os envolvidos fossem punidos. Nem sequer era possível monitorar o processo de alteração dos poemas e o seu conteúdo. A polícia investigou o caso; no entanto, o poder da comunicação se sobrepunha a qualquer forma de controle e, nem mesmo com as prisões, as acusações, críticas e zombarias cessaram.

O que podemos colocar como uma das problemáticas de Darnton, ao se deparar com essa documentação, é: Por que o alvoroço real por causa desses poemas, visto que, em outros momentos, composições assim também circulavam? Esses poemas, em específico, começaram a circular após o exílio do Conde de Maurepas. Eram encontrados com pessoas alfabetizadas, de camadas sociais, de certa forma, elevadas: estudantes, parte do clero, professores. Eram primeiramente poemas e, depois, iam se moldando; à medida que iam sendo repassados, eram ritmados, tinham estrofes adulteradas. Era o que Darnton coloca como “um caso de criação coletiva”, tendo sido este, talvez, um dos motivos de nunca terem encontrado um autor original.

O *L'affaire des quatorze* iniciou com um estudante de medicina, François Bonis, pego com o poema intitulado *Monstre dont la noire furie*. No processo de interrogatório, Bonis foi obrigado a delatar quem lhe transmitiu o poema. Chegou-se assim ao padre Jean Edouard e este, por sua vez, disse tê-lo recebido de outro padre, Inguimbert Montange. Antes de chegar às mãos deste sacerdote, o circuito de transmissão do poema, envolveu, por ordem cronológica de entrega, o padre Alexis Dujast, o estudante de direito Jacques Marie Hallaire, o escrevente de cartório Denis Louis Jouret, o estudante de filosofia Lucien François du Chaufour e um seu colega de turma, Varmont, que acabou se entregando e confessou ter recebido o poema de outro estudante, Maubert de Freneuse, cujo paradeiro a polícia nunca descobriu.

O poema investigado pela polícia se entrecruzou com outros cinco, fato que resultou na prisão de outros homens e originou *L'affaire des quatorze*. No total, 14 pessoas foram encarceradas na Bastilha, conforme os investigadores seguiam o rastro de transmissão do poema. A polícia não estava interessada no que os prisioneiros fizeram com os poemas; o interesse se voltava para como estes chegaram até as pessoas

interrogadas. Uma investigação às avessas, a fim de descobrir o autor e quem estava distribuindo poemas sediciosos sobre o rei.

Darnton nos mostra alguns indícios de que esses poemas surgiam na própria corte. Um deles se refere a um diálogo registrado no livro *Le Coffret du bibliophile*, que relata como os cortesãos difundiam os poemas por meio de seus subalternos. O tenente-general Nicolas René Berryer teria falado à corte: “Conheço Paris tão bem como é possível conhecê-la, [...] mas não conheço Versalhes”,² após ter sido questionado sobre a não solução do caso, pois ainda não havia descoberto a autoria dos poemas. Nesse relato, Berryer sugeria que os poemas não teriam se originado em Paris, mas sim em Versalhes. Também o parecer de um dramaturgo sobre “a qualidade” do material produzido, a forma “precária” dos manuscritos e detalhes que apenas a corte poderia conhecer eram elementos que conduziam à mesma hipótese.

Nesse contexto, é necessário compreender também as relações de interesse e poder da corte. A disputa entre a Madame Pompadour e o Conde de Maurepas se devia principalmente às origens burguesas da amante do rei. Antes do exílio de Maurepas já circulavam alguns poemas contra o rei e sua amante. Ela convenceu o rei de que o autor era Maurepas, porém, mesmo após o exílio, os poemas contra Luís XV e sua amante continuaram a circular.

O Conde D'Angerson e o tenente general Berryer, protegidos de Mme. Pompadour, começaram a investigar as origens desses poemas. Essas investigações tiveram impacto violento na vida dos presos envolvidos. O jogo político de interesses os afastaram das academias, de suas profissões e de suas famílias. Logo, podemos apreender uma disputa pelo poder que também tem a ver com o momento pós-guerra, no qual as ações reais geraram um clima de insatisfação na população. Darnton aponta essa situação como motor do descontentamento, provocado, sobretudo, pelos impostos elevados e pela sensação de “humilhação nacional”.

Darnton assevera que, embora a corte tenha dado início a esse episódio, talvez não tenha sido ela a única responsável pela dimensão do ocorrido. O texto nos leva a perceber que, embora esse evento possa ter sido alardeado pela corte, teve ampla “participação” popular, ao menos na circulação dos poemas. Ao observar a disseminação deles pelos populares, não podemos compreender tal fato como

² DARNTON, Robert. **Poesia e polícia**: redes de comunicação na Paris do século XVIII. São Paulo: Cia das Letras, 2014, p. 34.

“inclusão” do povo no meio político mais largo, nem pensá-lo como sinais da revolução. O mais coerente, segundo o autor, seria relacionar os textos “com o contexto político mais amplo, em lugar de tratá-los como receptáculos autoevidentes de significado”.³

O uso desses poemas pela corte funcionava como meio de se alcançar os objetivos dos cortesãos, já que o rei era suscetível à opinião popular. Darnton enfatiza que “um poema, portanto, podia funcionar ao mesmo tempo como elemento num jogo de poder dos cortesãos e como expressão de outro tipo de poder: a indefinida mas inegável influente autoridade conhecida pelo nome de *voz pública*”.⁴

Para o autor, o tratado de *Aix-la-Chapelle*, que obrigou o rei, de certa maneira, a capturar o príncipe destronado da Inglaterra e depois impor tributo extraordinário em tempos de paz, criou um enorme descontentamento da população, principalmente do parlamento, dos nobres e do alto clero. Para algumas pessoas, a monarquia instaurou um período de inquisição com o objetivo de sufocar aqueles que se opunham ao regime. Darnton coloca que é difícil determinar os muitos motivos dos ataques à monarquia, mas revela que os registros mostram um enorme contingente de prisões em 1749. Ele cita várias pessoas, algumas com ligações com o *L'affaire des quartoze*, e aborda o descontentamento com o Estado entre as pessoas das mais distintas profissões, manifestado das formas mais variadas possíveis. Nos relatos da Bastilha, tem-se a sensação de que toda Paris declamava, cantava e escrevia os poemas, mas Darnton assevera que, por vezes, isso pode ter sido muito mais impressão da polícia do que fatos realmente ocorridos.

Ao associar vários casos deste tipo, era possível pensar que a população inteira estava escrevendo, memorizando, recitando e cantando os poemas sediciosos sobre o rei. Mas os arquivos da polícia são sabidamente pouco dignos de confiança quanto às fontes de informação sobre atitudes e padrões de comportamento. Eles fornecem um registro dos crimes comunicados, não da criminalidade real, e não raro revelam mais sobre opiniões da polícia que sobre as do público.⁵

Fato é que havia uma onda de descontentamento que se alastrava de Versalhes às ruelas de Paris. Ao analisar os poemas, Darnton explora o descontentamento de quem

³ DARNTON, Robert. **Poesia e polícia**: redes de comunicação na Paris do século XVIII. São Paulo: Cia das Letras, 2014, p. 46.

⁴ Ibid., p. 49.

⁵ Ibid., p. 59.

escrevia os poemas, ora apelando para a imagem heroica do príncipe Edouard, ora questionando as origens de Mme. Pompadour. Várias vezes os poemas evocavam o passado francês, remetendo-se a Henrique VII ou a *Belle Agnès*. “Era poesia séria e pública, composta segundo os modelos clássicos e impulsionada pela paixão da indignação moral”.⁶

Acerca das canções, Darnton faz referência ao ofício do historiador e seus documentos, ampliando o debate acerca dos vestígios do passado. Sua pesquisa observa os registros das oralidades e como as opiniões se perpetuaram a partir dos registros policiais. A possibilidade de colher “os ecos” na documentação não propõe um acesso ao documento puro, a exemplo do poema cantado *Qu'une batarde de catin*, que tem várias versões, sendo impossível saber qual é a original, o que contribui para a ideia de criação coletiva, pela alteração das estrofes. “Seria um absurdo afirmar que as diferentes versões da mesma canção fornecem um meio para o historiador ter acesso a uma tradição oral pura”.⁷

As poesias que eram ritmadas informavam uma sociedade semialfabetizada, serviam como jornais cantados, avisando dos fatos, além de tornarem mais fáceis as assimilações e a memorização delas. “Música e letra combinadas em padrões que transmitiam significados múltiplos, estabeleciam associações e brincavam com incongruências”.⁸

É difícil definir como se ouvia música naquele período. Não se sabe quais ritmos eram os mais populares nas ruas; sabe-se apenas dos palcos. Os cantores de rua, os *chansonniers*, vendiam suas musiquetas — que também serviam como folhetins ritmados — e cantavam nos bulevares e cafês, evidenciando que nem sempre as canções sediosas contra o trono saíam da elite. Darnton analisa duas canções entoadas nas ruas que se entrelaçam com *L'affaire des quatorze*.

O que o autor apreende são as formas das canções que se tornaram satíricas e cômicas a partir das adaptações populares em relação ao contexto na qual as pessoas se encontravam. No texto há exemplos de cantigas de amor que viraram ofensa à Mme. Pompadour, assim como ao rei e a outros indivíduos a ele relacionados.

⁶ DARNTON, Robert. **Poesia e polícia**: redes de comunicação na Paris do século XVIII. São Paulo: Cia das Letras, 2014, p. 67.

⁷ Ibid., p. 82.

⁸ Ibid., p. 87.

As canções se modificavam com o tempo e os novos versos dessas canções sempre colocavam em evidência uma figura pública. “Embora cada uma difira ligeiramente das demais, todas têm as mesmas características básicas: uma sucessão de versos que zombam de personagens públicos, sendo todos os versos adaptados à mesma melodia e seguidos pelo mesmo refrão”.⁹

Para o autor, ao contrário de qualquer teoria da conspiração, essas canções podem desvelar um caminho para que se compreenda o “mundo simbólico do povo no *Ancien Régime*”. Ele afirma que essas músicas e poemas podem ser estudados para se pensar a opinião pública em meados do século XVIII, mas não para prever a derrubada da Bastilha.

Ao tratar da recepção dos poemas, Darnton focaliza as interpretações feitas pelos contemporâneos do período. Havia aqueles que os compreendiam como expressões da insatisfação popular, tendo em vista que, apesar de uma decretada “paz”, o Estado mantivera a cobrança de pesados impostos. Outros os tomavam como críticas negativas à origem plebeia de Mme. Pompadour. Havia também os que eram contra as manifestações populares. Mas o que importa, para Darnton, é a compreensão dos poemas por aquelas pessoas.

O autor entende que os poemas que mais causaram confusão certamente provinham da elite. Em determinada parte do livro, Darnton dirige atenção para as opiniões e para o público desses poemas. O diário do ministro do exterior, D' Argenson, traz relatos e percepções acerca da crise do governo de Luís XV. Nele se leem comentários sobre a insatisfação com Mme. Pompadour, a contrariedade em relação aos impostos e à prisão do príncipe Edouard, inclusive sobre os sentimentos do público.

Darnton acentua que, independentemente da origem dos poemas, eles fervilhavam em Paris. O descontentamento era generalizado e a forma como esses poemas e canções circulavam já era indício de uma sociedade da informação — construída pelo discurso —, “muito antes da internet”. Seria possível, então, a existência de “opinião pública” antes da criação de um “conceito” para caracterizá-la? “Rastrear o fluxo de informação é uma coisa; identificar opinião pública é outra”, escreve

⁹ DARNTON, Robert. **Poesia e polícia**: redes de comunicação na Paris do século XVIII. São Paulo: Cia das Letras, 2014, p. 105.

Darnton¹⁰, acrescentando que, à medida que filósofos e publicistas “pararam de detratar a opinião pública como estado de ânimo volúvel da multidão e começaram a invocá-la como um tribunal dotado de autoridade para julgar e dar sentenças em questões públicas, o governo sentiu-se forçado a também levá-la a sério”.

Nos idos de 1780, duas concepções de opinião pública se confrontariam: a primeira diz respeito a uma forma elitista, que compreendia a opinião pública como verdade, e outra que a entendia por meio das redes de comunicação.

Segundo um desses pontos de vista, a opinião era um processo filosófico que agia na direção do aprimoramento da humanidade. De acordo com o outro era um fenômeno social, inextricavelmente misturado aos fatos do momento. [...] Mas poderiam ser conciliadas? A questão se tornou premente durante as crises pré-revolucionárias de 1787-8, pois a sorte do regime dependia do resultado de uma luta pela opinião pública.¹¹

Para Robert Darnton, independentemente de algumas posições filosóficas, as ruas se manifestavam, desde o *L'affaire des quatorze*” até quarenta anos depois, antes de qualquer nomenclatura. Ao evidenciar, no decorrer da obra, uma posição contrária a qualquer ato conspiratório que previa a queda da Bastilha, Darnton apresenta outro modo de se observar a história, no qual os acontecimentos caíam em si mesmos, pois cada evento não é uma prévia do que irá ocorrer, mas “merece ser estudado em si mesmo, não como um sintoma de coisas futuras, mas sim como raros incidentes que, se adequadamente exumados, revelam as determinantes subjacentes dos fatos”.¹²

Os fatos se detêm a atitudes, valores, costumes e são envoltos por estes. As redes de comunicação e a oralidade que os constituíram na Paris do século XVIII são o objetivo deste livro. Captar a oralidade de mais de dois séculos atrás foi possível por meio dos vestígios da documentação nos arquivos policiais. “A história, tal como a compreendo, envolve um processo similar de elaborar um argumento a partir de indícios; e no Caso dos Catorze, o historiador pode seguir o fio condutor da polícia”.¹³ Entretanto, ainda que de fato a investigação policial da época tenha desvendado com louvor parte da rede de comunicação, não há como ir além dessas conclusões, “porque a

¹⁰ DARNTON, Robert. **Poesia e polícia: redes de comunicação na Paris do século XVIII**. São Paulo: Cia das Letras, 2014, p. 135.

¹¹ Ibid., p. 140.

¹² Ibid., p. 144.

¹³ Ibid., p. 146.

pesquisa histórica, à diferença da investigação policial, se abre para questões de significado mais amplo do Caso dos Catorze.¹⁴

No que tange às poesias e músicas, elas são demasiadamente complexas, a ponto de terem vários significados e muitas possibilidades de interpretação. Mas o que se pode depreender da obra é que a compreensão da história ultrapassa o desencadeamento de fatos que tem apenas uma finalidade. A história é múltipla, o que torna impossíveis definições exatas. Por intermédio das relações, em cada tempo e espaço, a história se constrói a partir da interação das pessoas, desses tempos e espaços. Ela constrói práticas e sociabilidades que na Paris do século XVIII se constituíram a partir das redes de comunicação.

Darnton se posiciona entre a história cultural e a história social. Seu objetivo, como podemos perceber, não apenas em seu livro, mas pela trajetória de toda sua obra, está correlacionado a uma forma singular de compreensão histórica, na qual não se procuram respostas exatas ou uma totalidade histórica de desencadeamento de fatos. Para Darnton, a história acontece em seu tempo, não podendo dar indícios do que ocorrerá num futuro próximo. Sua crítica está fundada em como as pessoas viviam em seus determinados tempos e espaços, dialogando com as problemáticas de sua existência. Pode-se compreender que a crítica traçada pelo autor está diretamente ligada a uma maneira de se fazer e construir as narrativas históricas.

Outra preocupação do autor se relaciona às formas de comunicação e às dimensões disso na atualidade, sem intenção de justificativa, mas a fim de apreender que a comunicação sempre fez parte das sociedades humanas, mesmo antes da nossa chamada “sociedade da informação”.

Ao evidenciar as redes de comunicação de meados do século XVIII, Robert Darnton remonta um caminho percorrido pelo homem, o da comunicação e dos meios utilizados para tal fim. É preciso compreender também que cada tempo está relacionado com suas tecnologias. Portanto, o século XVIII se fez por intermédio das suas relações de produção e técnica, assim como nós fazemos em nosso tempo. Também vale destacar que o texto de Darnton é crucial para que compreendamos de forma não hierarquizada o passado.

¹⁴ DARNTON, Robert. **Poesia e polícia**: redes de comunicação na Paris do século XVIII. São Paulo: Cia das Letras, 2014, p. 147.

Outro ponto interessante dessa obra é que a compreensão histórica de Darnton não se restringe a um público douto. Sua facilidade em lidar metodologicamente com os documentos, por um lado, e sua habilidade em tornar uma pesquisa desse porte em uma narrativa atraente e bem articulada, por outro, fazem desse livro uma referência para os historiadores que não se contentam em dialogar apenas com seus pares. Cabe sempre questionar como e para quem os historiadores fazem história. Outros autores, como Carlo Ginzburg e Walter Benjamin, também compreendem o fazer histórico por um viés mais abrangente de público.

Embora alguns historiadores possam compreender que Darnton contribui para uma história imutável, na medida em que o autor propõe cultura como um sistema de análise das sociedades, Darnton, no entanto, por influência da Antropologia, percebe, na verdade que existe dentro da cultura, um sistema possibilidades de mudança, compreendendo assim uma história mutável — como o é —, porém, sem que isso desemboque num desencadeamento de fatos que levam a algo num processo de indícios do que irá ocorrer.

A obra em si é uma possibilidade teórico-metodológica de se repensar o fazer histórico. O objeto do autor, e o que sua documentação representa ou permite interpretar, colabora para uma discussão que está dada desde o historicismo alemão, passando por Marc Bloch, e nos chega aos dias atuais, acerca não apenas dos objetos passíveis de análise ao historiador, mas também da utilidade da ciência história, inclusive como meio para debater o nosso tempo.

RESENHA RECEBIDA EM 18/05/15. PARECER DADO EM 26/07/14